

Museus contracoloniais e patrimônios cosmológicos no Antropoceno

Counter-colonial museums and cosmological heritages in the Anthropocene

Enviado em: 28-03-2023

Aceito em: 08-06-2023

Walter Francisco Figueiredo Lowande¹

Resumo

O artigo² propõe uma reflexão sobre o papel político das práticas museais e patrimoniais em tempos de catástrofes ecológicas planetárias. Ao considerar que essas transformações biogeofísicas estão intimamente relacionadas ao colonialismo, o artigo defende a construção de museus contracoloniais colaborativos como forma de potencializar redes de resistência ecológica. O artigo também considera que os saberes ecológicos tradicionais de povos ameríndios e afrodiaspóricos conformam “patrimônios cosmológicos”, ligados a temporalidades e territorialidades contracoloniais, também chamando a atenção para o cuidado necessário para que essas heranças não sejam mais uma vez apropriadas por práticas coloniais. A viabilidade de uma prática patrimonial e museal contracolonial é demonstrada a partir do projeto Museus das Resistências, que tem se dedicado a pensar e construir museus colaborativos e sustentáveis a partir de uma perspectiva contracolonial.

Palavras-chave: Museus contracoloniais; patrimônios cosmológicos; Antropoceno

Abstract

The article proposes a reflection on the political role of museum and heritage practices in times of planetary ecological catastrophes. By considering that these biogeophysical transformations are closely related to colonialism, the

1 Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas, MG (UNIFAL-MG), onde desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Teoria da História, História da Historiografia e Estudos Críticos de Patrimônio. E-mail: walter.lowande@unifal-mg.edu.br

2 Este artigo é uma versão revista e ampliada de comunicação oral apresentada, em língua inglesa, na 6ª Conferência Bianual da Associação de Estudos Críticos de Patrimônio, realizada em Santiago, Chile, entre os dias 4 e 7 de dezembro de 2022.

article argues for the construction of collaborative counter-colonial museums as a way to strengthen networks of ecological resistance. The article also considers that the traditional ecological knowledges of Amerindian and Afro-diasporic peoples constitute “cosmological heritages”, linked to counter-colonial temporalities and territorialities, also calling attention to the necessary care so that these legacies are not once again appropriated by colonial practices. The viability of a counter-colonial patrimonial and museal practice is demonstrated by means of the *Museus das Resistências* project, which has been dedicated to thinking and building collaborative and sustainable museums from a counter-colonial perspective.

Keywords: counter-colonial museums; cosmological heritages; Anthropocene

Introdução

O neologismo *resistência* tem sido empregado com frequência nos últimos anos.³ Grosso modo, trata-se de apontar para *existências*, visões de mundo, modos de vida ou cosmologias que se constituem em meio às diversas formas de *resistência* contra os processos de exploração colonial. O termo se refere, portanto, a experiências, saberes e práticas fundamentais para a sobrevivência dos povos racializados, para os quais a catástrofe ecológica e o genocídio – ou *onicídio*, como prefere Amitav Gosh (2021) – são uma realidade desde o início do processo de expansão colonial europeia. A literatura que relaciona o Antropoceno ao colonialismo tem crescido exponencialmente nos últimos anos, evidenciando tanto os fundamentos geológicos dessa correlação (LIGHTFOOT et al., 2013; LEWIS; MASLIN, 2015) quanto o caráter racista das narrativas em geral oferecidas para a apresentação do problema (POVINELLI, 2016; MIRZOEFF, 2018; DAVIS; TODD, 2017; YUSOFF, 2018; WHYTE, 2018; KRENAK, 2019; CURLEY; LISTER, 2020; EICHEN, 2020; GERGAN et al., 2020; GOSH, 2021; FERDINAND, 2022). O termo “Antropoceno” se refere à

3 A primeira vez que tive contato com o termo foi por meio de uma conferência que Eduardo Viveiros de Castro intitulou “Brasil: país do futuro pretérito” (CASTRO, 2019). Atualmente o neologismo encontrou acolhida em um importante movimento social brasileiro, a Teia dos Povos, cuja última Jornada de Agroecologia recebeu o nome de “Lutar por Terra, Território e Água; Fortalecer (R)Existência e Defender o Modo de Vida Tradicional e Ancestral” (NASSER, 2023).

atual época geológica, sucessora do Holoceno, cuja emergência pode ser atribuída às formas de exploração que dão origem à transformação de paisagens biodiversas em *plantations* em escala transcontinental, à extinção em massa de espécies biológicas, à emissão acelerada de gases de efeito estufa e a outras formas de impacto em sistemas biogeofísicos dos quais depende a manutenção da vida como a conhecemos no planeta.⁴

Há, no entanto, um forte risco de capturar essas “reexistências” por meio do gesto colonial de apropriação acadêmica. David Chandler e Julian Reid chamaram de “ontologização da indigenidade” (*ontologising indigeneity*) (CHANDLER; REID, 2020, p.10; vide também TODD, 2016) a atividade acadêmica de produzir sistemas de reflexão filosófica por meio da abstração (ou, mais precisamente, da “ontologização”) das trajetórias de vida e de luta concretas de povos cujas cosmologias trariam soluções para a crise ecológica e ontológica vivenciada pelos “modernos” (vide, por exemplo, HARAWAY, 2016 e DANOWSKI; CASTRO, 2017). Em outras palavras, a “virada ontológica” ou “especulativa” observada na filosofia e na antropologia, sobretudo no que se refere, nos últimos anos, às discussões sobre o Antropoceno, configuraria mais uma forma de *extração* de *recursos* para a composição do mundo dos brancos. Essa se daria, no entanto, a partir da objetificação não mais dos corpos e das ecologias produzidas por esses povos, mas agora de seus próprios sistemas de pensamento, para a resolução dos problemas de escala planetária criados pela branquitude.

Este artigo defende que o patrimônio, entendido como um conjunto de diferentes domínios de práticas (HARRISON, 2019), pode contribuir para a potencialização desses modos de vida *contracoloniais* (SANTOS, 2015) ao invés de tentar capturá-los. Ao se colocar como espaço político de definição sobre quais futuros desejamos compor por meio de práticas de cuidado com o passado, as práticas de patrimonialização podem contribuir para a constituição de redes de resistência político-ecológica a partir do protagonismo das diferentes comunidades envolvidas, mobilizando, para tanto, técnicas e

4 Para um quadro mais abrangente dessas discussões, vide também LOWANDE (2023a, 2023b e 2023c).

saberes acumulados a partir de diferentes perspectivas cosmológicas e de resistência. A ideia de “contracolonialidade” se inspira na obra de Mestre Antônio Bispo dos Santos (2015), que propõe novas formas de conceitualização, a partir das histórias de resistências dos povos ameríndios e afrodiáspóricos no Brasil, para se engajar naquilo que ele chama de “guerra de denominações”. A vida e a luta contracoloniais são capazes de se expressar por meio de suas próprias formas de conceitualização, não dependendo, para isso, de sistemas de pensamento alheios às suas tradições de “biointeração festiva” em seus diferentes “modos e significações”. O conceito de “confluência” também nos ilumina a respeito da habilidade histórica que essas diferentes lutas possuem de conectarem, como também nos lembram Mestre Joelson Ferreira e Erahsto Felício (2021, p.129 e ss.).

A perspectiva contracolonial nos permite perceber os “patrimônios cosmológicos” dos povos ameríndios e afrodiáspóricos no Brasil – assim como de outros povos que igualmente tiveram que enfrentar o processo de colonização – como algo indissociável da territorialidade e da luta pela manutenção dos laços que a constitui. É importante salientar a recusa do termo “patrimônio cultural” em função do tipo de temporalidade colonial que ele evoca: ao invés de um patrimônio tomado como temporalidade que hierarquiza e domestica as experiências do passado, do presente e do futuro, o “patrimônio cosmológico” se refere à temporalidade da ancestralidade, isto é, aquela em que essas dimensões temporais convivem de maneira criativa. Da mesma forma, diferentemente das tipificações e domesticações conceituais fragmentadoras impostas pelas práticas modernas de patrimônio, as heranças cosmológicas se abrem para a diferença, para a transformação ou para a “confluência”.⁵

A minha tentativa de defender uma prática patrimonial e museal contracolonial esbarra no fato de eu ser um homem branco, cis-hétero e com uma formação acadêmica profundamente marcada por referenciais euro-

5 Embora privilegie um referencial europeu para tratar de problemas semelhantes, Claire Colebrook (2020), inspirada na obra de Deleuze e Guattari, propõe algo semelhante ao defender a “desterritorialização decolonial” representada pelas perspectivas cosmológicas não antropocêntricas vinculadas à territorialidade.

antropocêntricos. Isso não me impede, no entanto, de me posicionar, como argumenta o intelectual-ativista Potawatomi Kyle Whyte (2018), como um “aliado” das lutas contracoloniais, desde que reconheça criticamente as limitações e equívocos que essa posição tem expressado historicamente. Whyte se refere da seguinte forma ao papel do(a) aliado(a):

Eu uso o termo “aliados(as)” para significar pessoas que não se identificam como indígenas, as quais não dividem [conosco] pessoalmente (ou em relação à sua participação no grupo) e precisamente as mesmas opressões; no entanto, eles(as) estão profundamente preocupados(as) com o bem-estar dos povos indígenas por diversos motivos, desde a justiça até a culpa. Eles(as) procuram fazer o que entendem estar em seu poder para nos apoiar em nossas lutas (WHYTE, 2018, p.234, tradução livre).

Referindo-se ao Antropoceno, Whyte chama a atenção para um problema que poderia facilmente se estender para as práticas patrimoniais, sobretudo diante da percepção de que, cada vez mais, as duas discussões estão entrelaçadas: “Para mim, parece que assim como o Antropoceno está emergindo como um conceito e a mudança climática é levada a sério como um problema, *os povos indígenas já estão categorizados em narrativas e concepções de tempo que não escolhemos e não escolheríamos*” (WHYTE, 2018, p.234, tradução livre, *itálicos meus*).⁶ Uma prática patrimonial e museal que se pretenda contracolonial precisa, portanto, ser protagonizada por pessoas e comunidades que vivenciam esse tipo de luta, com suas próprias concepções de tempo e território. Isso não quer dizer que essa prática também não possa contar com a atuação de aliados(as) em posição de mobilizar recursos estratégicos para o fortalecimento dessas lutas.

A fim de defender a viabilidade de uma prática patrimonial e museal contracolonial, apresentarei o projeto Museus das Resistências, que está em desenvolvimento na região Sul do estado brasileiro de Minas Gerais desde

6 Como exemplo de aliados(as) que pretendem falar em nome dos povos indígenas, mas os fazem de formas em que os próprios povos indígenas não se reconhecem, Whyte cita os(as) intelectuais envolvidos(as) no evento “Os Mil Nomes de Gaia”, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 2014. Sobre as relações entre os domínios do patrimônio e as discussões sobre o Antropoceno, cf. Harrison (2015), DeSilvey (2017), Harrison *et al.* (2020), Harrison e Sterling (2020).

2020. Em seguida, relacionarei essa prática ao conceito de “patrimônios cosmológicos”, que é proposto, portanto, como uma alternativa contracolonial às práticas de produção de futuro a partir dos domínios patrimoniais na época do Antropoceno.

O projeto Museus das Rexistências

Na primeira metade de 2020, Rodney Harrison, Colin Sterling e Henry Mcgheie lançaram a chamada intitulada “Reimagining Museums for Climate Action” (RMCA), com financiamento do Arts and Humanities Research Council do Reino Unido. Tratou-se de uma competição que se propôs a premiar as oito melhores ideias museais para o enfrentamento do aquecimento global. O edital buscou por

conceitos e propostas de design que reimaginem o museu como uma forma de ação climática radical. Radical ao tocar no cerne da finalidade dos museus, bem como em termos de facilitação da contribuição dos museus para as mudanças profundas e transformativas que são requeridas para atingirmos um mundo carbono-neutro (RMCA, 2020, p.3, tradução livre).

Essa chamada foi uma excelente oportunidade para repensarmos radicalmente o passado e o futuro dos museus a partir da perspectiva contracolonial apresentada na introdução deste artigo. Isso significa não apenas refletir sobre o compromisso tradicional das instituições museológicas com a epistemologia colonial,⁷ mas compreender que os mundos produzidos com esses museus europeus são antagônicos aos mundos criados antes do e em oposição ao processo de colonização.

Esse problema se torna tanto mais urgente quando percebemos que os mundos criados pela colonização produziram o novo regime planetário que vivemos no presente. A cisão ontológica que visou a subjugação do planeta ao império da colonização toma forma na domesticação de espaços, de tempos e

⁷ Para uma ótima discussão a esse respeito, cf. Brulon (2020).

de subjetividades. São justamente essas formas de domesticação que adquirem uma feição pedagógica nos museus nacionais ou neles inspirados.

Habitar o Antropoceno sem acelerá-lo significa, portanto, olhar para cosmologias diferentes daquela que o produziu. O museu, em seus aspectos de tecnologia pedagógica, pode servir como ponto de partida para a construção de mundos como refúgios na Época do Antropoceno, desde que não se fundamente nas mesmas configurações temporais, espaciais e subjetivas que fundaram os museus modernos. Esses foram os pressupostos a partir dos quais nos pusemos a refletir sobre como um museu poderia contribuir para o combate ao aquecimento global, para a produção de futuros verdes e para a construção de uma justiça climática possível, como nos propôs o edital do RMCA.

Em resposta à proposta do edital, nós reunimos, inicialmente, uma equipe composta por um pedagogo, uma museóloga, uma linguista, uma geógrafa, um biólogo e um historiador.⁸ Juntos, nós chegamos à conclusão inicial de que seria possível reimaginar a temporalidade, a espacialidade e as subjetividades museais a partir do patrimônio produzido pela resistência contracolonial e que se mantém vivo em comunidades de origem ameríndia e afrodiáspórica de nossa região.

No que diz respeito à temporalidade, percebemos que nos terreiros, nas rodas de samba, de jongo, de maracatu e de outras manifestações relacionadas às cosmologias afro-indígenas brasileiras, podemos nos transportar para relações não marcadas pelo tempo homogêneo e vazio que tem nos conduzido em direção ao Antropoceno (LOWANDE; BUENO, 2020). O cultivo da terra voltado para o compartilhamento de alimentos e de afetos, bem como as formas de resistência anticapitalistas e contracoloniais à mercantilização das relações multiespécies de paisagens rurais, também nos ensinam sobre o tempo da sazonalidade e das transformações ecológicas que não estão sob nosso controle. Um museu contracolonial deveria expressar

⁸ Este trabalho não teria sido possível sem a dedicação de Natalino Neves da Silva, Luciana Menezes de Carvalho, Nayhara J. A. Pereira Thiers Vieira, Jairza Fernandes Rocha da Silva e João Francisco Vitório Rodrigues.

essa transitoriedade em sua própria estrutura e em seus próprios materiais, como propõe J. Kelechi Ugwuanyi (2020) para as práticas patrimoniais a partir de perspectivas cosmológicas Igbo. O novo regime planetário nos cobrará cada vez mais deslocamentos (CLARK; SZERSZYNSKI, 2021), isto é, fluxos incompatíveis com as concepções de território e propriedade modernas, as mesmas que nos permitiram imaginar museus monumentais cuja duração deveria ser eterna. A própria pegada ecológica necessária para manter esses museus indefinidamente é algo tanto insustentável quanto cada vez mais difícil, sobretudo se considerarmos o caráter crescentemente imprevisível e impactante das intempéries em todo o planeta.⁹

Isso nos conduz imediatamente a uma reflexão sobre a espacialidade dos museus. A monumentalidade e a sacralidade que os caracterizam criam fronteiras rígidas entre quem representa e quem é representado.¹⁰ Os museus nacionais modernos estão afastados das comunidades rurais. Os interiores dos museus são marcados por hierarquias e por formas domesticadas de trânsito que remetem muito claramente aos “cercamentos” que deram início ao capitalismo colonialista (STENGERS, 2015; TSING, 2022). Precisamos pensar, portanto, cada vez mais, em museus descentralizados, móveis, cujos trânsitos e deslocamentos aumentem a sua capacidade de compartilhar histórias bem-sucedidas de resistência ecológica.

Aqui nos colocamos diante da questão sobre quem pode ser o(a) curador(a) dessas histórias nos museus que estamos chamando de contracoloniais. É fora de dúvida que o trabalho de técnicos(as) e intelectuais dos museus contribuíram muito para o desenvolvimento das tecnologias museais e para a sua democratização. No entanto, um museu que deseje expressar em sua própria materialidade as concepções de tempo e espaço de

9 Para o caso dos dilemas colocados diante das políticas de patrimônio no Reino Unido em função do novo regime planetário, vide DeSilvey (2017).

10 Como indicamos em um outro artigo, “Essa experiência de não pertencimento nos foi relatada pelas próprias pessoas das comunidades que nos contaram suas histórias para a exposição *Existances Museum*. As próprias ações da UNESCO, na década de 1970, para tentar impedir o tráfico ilegal de artefatos para museus (STOCKING JR., 1985) atestam essa percepção, para além das experiências relatadas em outros trabalhos acadêmicos, como Chakrabarty (2019) e Cunha e Cesarino (2016)” (AUTOR et al., 2022, p.273).

cosmologias contracoloniais demanda um maior protagonismo das comunidades que as conhecem em primeira mão. Trata-se aqui, portanto, mais da constituição de uma rede cada vez mais ampliada de resistência por meio do compartilhamento de histórias musealisáveis do que da consignação dessas histórias em uma ordem museológica que lhes é exterior e fraturadora.¹¹

Em um primeiro momento, a nossa proposta museal foi materializada em uma exposição que enviamos para a cidade de Glasgow, na Escócia. Nosso projeto foi acolhido como uma das 8 ideias selecionadas pelo RMCA para figurarem em uma exposição organizada no Glasgow Science Centre entre junho e novembro de 2021, como parte da Green Zone da Conferência das Nações Unidas para o Clima (COP 26) (Figura 1). Além dos argumentos apresentados acima, nossa equipe focou na viabilidade concreta da produção desses museus contracoloniais. Para isso, pensamos que eles poderiam tomar a forma de micromuseus comunitários construídos a partir de técnicas bioconstrutivas como as dos domos geodésicos, pois trata-se de uma estrutura arquitetônica de fácil construção, adaptável a diferentes climas e materiais disponíveis, além de possuir uma baixíssima pegada de carbono a depender da forma como é produzida.

11 Sobre as cisões ontológicas criadas pela “fratura colonial”, vide Ferdinand (2022).



Figura 1: Exposição do Museu das Resistências (então Existences Museums) no Glasgow Science Centre, como parte da Green Zone da COP26. Fotografia de Jenny Templeman.

Nosso projeto priorizou, no entanto, a produção de diálogos com comunidades contracoloniais que pudessem participar ativamente na definição de um modelo de museu que pudesse servir para o fortalecimento de suas lutas. Por isso, a parceria que estabelecemos com algumas comunidades rurais locais foi mais importante do que o design inicial do projeto. Esses grupos se juntaram a nós a fim de refletir, a partir de suas respectivas perspectivas cosmológicas, sobre como a construção de um museu poderia contribuir para o fortalecimento de práticas de resistência ecológica que, no Brasil, dão forma à própria resistência contracolonial. Nós tivemos a honra de sermos recebidos(as) pela comunidade do Terreiro de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné (Alfenas, MG), pelo Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, que faz parte do Quilombo Campo Grande – um dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra na cidade de Campo de Meio, MG – e pelos(as) produtores(as) de marolo, uma fruta resiliente do Cerrado e

especialmente talentosa para a constituição de relações multiespécies, em Paraguaçu, MG. Todas essas comunidades estão situadas no Sul do estado de Minas Gerais e já possuem uma história de projetos realizados em parceria com a universidade que represento. Todas elas nos acolheram e conversaram conosco em seus próprios territórios. Essas pessoas também concordaram conosco sobre a importância de compartilhar suas histórias de resistência para um público internacional, pois reconhecem que o aquecimento global é um problema planetário que as impacta diretamente em suas próprias lutas.

Esses coletivos já possuem projetos de preservação de suas memórias de suas lutas, mas nenhum deles inclui museus, os quais ainda são vistos como um tipo distante de instituição pouco preocupada com pessoas como elas. No entanto, todas elas entendem que suas práticas são dignas de figurar em um museu, mas em “um museu do presente”, como diz Tuíra Tule, uma das integrantes do Coletivo de Mulheres Raízes da Terra. Em conjunto, definimos que seria importante manter a proposta conceitual inicial, mas também aproveitar a visibilidade internacional do projeto para divulgar suas histórias de luta, a fim de valorizar e conquistar apoio para as suas diferentes iniciativas. As histórias dessas comunidades compuseram então minidocumentários apresentados junto com as maquetes dos domos geodésicos que enviamos para Glasgow.¹² Embora as necessidades expositivas tenham representado uma imposição técnica ao formato da narrativa, foram as pessoas dessas próprias comunidades que definiram como e o que de seus testemunhos poderiam ser apresentados. Em 2021, em um evento realizado com a participação de diversos representantes dessas comunidades parceiras, foi possível compartilhar o retorno positivo que recebemos das pessoas que conheceram suas histórias fora do país.¹³ Nós também pudemos presenciar a aprovação e o entusiasmo dessas comunidades em relação ao trabalho

12 Esses vídeos podem ser acessados no sítio eletrônico de nosso projeto: [<https://www.unifal-mg.edu.br/museusdasreexistencias/>]

13 Trata-se da mesa “Diálogos de Resistências”, que foi realizada durante o Mês da Consciência Negra de 2021 na UNIFAL-MG. Recebemos um vídeo produzido pelo próprio Rodney Harrison, reproduzido nessa ocasião, que enfatizou o sucesso e a importância do projeto para a renovação do pensamento museológico em tempos de catástrofes ambientais.

finalizado e à possibilidade de estreitar relações com outras comunidades resistentes do Sul de Minas Gerais.

Ampliando as redes de resistência

Depois da sua exibição na Escócia, tanto os vídeos como os domos continuaram produzindo importantes conexões. Em primeiro lugar, essas ideias se mostraram significativas para outros coletivos que, diante das catástrofes do Antropoceno, também acreditam na importância de se voltar para as práticas contracoloniais de resistência. Fomos convidados(as) a apresentar nossa proposta de museologia contracolonial e as histórias de resistência das comunidades parceiras em mesas virtuais organizadas pela Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía do México, pelo Museums and Heritage Highlands da Escócia, na conferência de encerramento do congresso organizado pela Associação de Museus do Reino Unido, em uma das mesas do evento intitulado (Post) Anthropocene Museologies e organizado pela Universidade de Amsterdã, e no 2º Simpósio Internacional em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, promovido pela Universidade Federal de São João Del Rey. Essas conversas ainda se desdobraram em relevantes projetos de divulgação de alternativas museais produzidos por colegas de outros países, como o “Objetos en diálogo”, idealizado pela museóloga mexicana Cintia Velazquez Marroni,¹⁴ e o “Drifting Curriculum”, organizado pela curadora-chefe do Ilmin Museum of Art de Seul.¹⁵

Voltando ao Sul de Minas, as redes de resistência climática e contracolonial ensaiadas no projeto inicial também continuaram a se desdobrar. O projeto Museus das Rexistências teve continuidade como projeto de extensão de nossa universidade. Isso nos permitiu estabelecer uma parceria com um grupo de professoras, professores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Dr. João Januário Magalhães, também

14 Disponível em objetosendialogo.mx (acesso em 21 de março de 2023).

15 Disponível em driftingcurriculum.org (acesso em 21 de março de 2023).

situada em Alfenas, MG. Gostaria de discorrer brevemente sobre essas últimas experiências antes de me dirigir para as considerações finais deste artigo.

A educação pública básica brasileira é um exemplo das múltiplas formas de resistência das populações que subsistem aos sucessivos projetos autoritários de civilização, progresso e desenvolvimento. Especialmente nos últimos anos, os projetos educacionais neoliberais têm conseguido promover o sucateamento da educação pública básica, seja por meio da disputa por um orçamento público cada vez menos destinado à educação, seja por meio de reformas cujo efeito é promover um ensino cada vez mais fragmentário, alienante e precário para a população empobrecida do país (PEREIRA; RODRIGUES, 2018; TURIN, 2018). É difícil, portanto, poder contar com a colaboração de professoras e professores em atividades que demandam uma carga horária adicional de trabalho, quando todo seu tempo está ocupado com a multiplicação de horas em sala de aula como forma de compensar o ínfimo pagamento que recebem por isso, algo que ainda disputa tempo com a necessidade de formação continuada e de cuidados com a casa e com a família. Por isso não obtivemos, inicialmente, o retorno esperado das professoras e professores que convidamos para propormos a execução do nosso projeto.

Apenas uma dessas professoras, que é egressa da graduação em História da nossa universidade, conseguiu encontrar espaço em sua exígua agenda para o nosso projeto. Por sorte, as turmas da Educação de Jovens e Adultos de sua escola têm uma carga horária destinada ao desenvolvimento de “projetos interdisciplinares”, o que nos pareceu uma grande oportunidade. Graças à intervenção dessa professora, conseguimos marcar uma reunião com as professoras e os professores da escola e decidimos, em conjunto, que o projeto Museus das Resistências seria uma boa forma de articular a interdisciplinaridade almejada em seu projeto pedagógico. As(os) estudantes dessas turmas são, em sua maioria, pessoas racializadas e empobrecidas das regiões periféricas da cidade de Alfenas. Desse modo, o nosso projeto poderia então servir como uma oportunidade de criação de laços persistentes entre

essas pessoas por meio da partilha de suas diferentes tradições e histórias de resistência.

A ideia foi que, nas diferentes disciplinas, as professoras e os professores pudessem pensar em atividades avaliativas que pudessem consistir em materiais a serem apresentados no museu contracolonial que viemos a construir na própria escola. Para isso, organizamos, primeiramente, uma visita desses(as) estudantes ao museu de nossa universidade, onde também montamos uma exposição sobre o projeto Museus das Resistências, a fim de que eles(as) pudessem se apropriar de tecnologias museológicas para contarem, depois, as suas próprias histórias (Figura 2). Boa parte desses(as) estudantes nunca havia visitado um museu antes.



Figura 2: Visita guiada dos estudantes de EJA da Escola Municipal Dr. João Januário Magalhães ao museu de nossa universidade. Fotografia de Nayhara Vieira.

Depois disso nós organizamos uma roda de conversa com as comunidades com as quais estabelecemos nossa parceria original, de modo que suas histórias pudessem inspirar a comunidade escolar a partilhar suas

próprias histórias de resistência (Figura 3). Essa foi também uma oportunidade de fortalecimento dos laços de resistência contracolonial entre essas comunidades. Embora elas pertençam a diferentes territorialidades e a tradições religiosas e de luta diversas, ficou claro, neste encontro, que a defesa de suas ecologias diante da destruição da biodiversidade local e planetária é algo que as une de maneira muito forte.



Figura 3: Oficina de troca de experiências de resistência ecológica com as comunidades parceiras do projeto Museus das Resistências na Escola Municipal Dr. João Januário Magalhães. Fotografia de Nayhara Vieira.

Finalmente, o projeto culminou com a construção de um Museu das Resistências no interior da própria escola (Figura 4). Para isso pudemos contar com a parceria de um designer dedicado há anos à difusão da arquitetura dos domos geodésicos no Brasil. Essa oficina colocou em contato professoras, professores e estudantes do ensino básico e superior, com diferentes trajetórias de vida, em uma situação de trocas de experiências e ideias e com a intenção compartilhada de construção de um futuro mais justo e habitável. Foi

possível perceber como os diferentes níveis de escolarização perderam importância diante de um projeto novo para todas e todos ali presentes, inclusive para os instrutores da oficina, que ainda não tinham trabalhado nas condições que lhes foram apresentadas. Essa foi mais uma importante oportunidade de produção de encontros criativos conectados pela defesa da vida em condições cada vez mais adversas de habitabilidade planetária.



Figura 4: Inauguração de um Museu das Resistências na Escola Municipal Dr. João Januário Magalhães. Fotografia de Nayhara Vieira.

Considerações finais

Em sua importante obra, Rodney Harrison tem proposto que pensemos o patrimônio enquanto uma ontopolítica de construção de futuros (HARRISON, 2013; 2015). Trata-se de um rompimento fundamental com práticas patrimoniais que, em diferentes configurações, baseiam-se em uma única perspectiva ontológica há muito tempo questionada por seu caráter colonial.

Para além dos limites ontológicos entre naturezas e culturas como formas identitárias a serem preservadas a todo custo, Harrison nos mostra a pluralidade de agências ativadas nas práticas patrimoniais. Esse tem se mostrado um caminho importante para a atualização de práticas patrimoniais ainda presas à época do Holoceno, criando um ecossistema fecundo para a renovação da teoria e da prática nesse domínio.

A ideia de heranças ou patrimônios cosmológicos se inspira diretamente nessas discussões mencionadas acima. No entanto, ela pretende trazer para o primeiro plano as histórias de composição de mundos resistentes às catástrofes que lhes foram impostas pela colonização. Essas heranças são, portanto, formas contracoloniais de agenciar humanos e não humanos a partir da valorização de determinados aspectos que foram negados pelo processo de colonização. Mais importante do que acumular objetos, essas cosmologias apontam para a importância das relações. Contra a objetificação do mundo não-humano, as pessoas que vivem essas referências cosmológicas contracoloniais percebem, por toda parte, subjetividades com as quais é necessário negociar uma vida cotidiana comum. Se a perspectiva acumuladora e objetificadora da onto-epistemologia colonial é o que tem, de fato, nos conduzido a um regime planetário catastrófico para a nossa espécie, é bastante evidente, portanto, a necessidade de valorizarmos as heranças cosmológicas contracoloniais que, há muito, já resistem a essas catástrofes.

As histórias conectadas por meio do projeto Museus das Resistências demonstram que a perspectiva contracolonial é algo que pode unir e fortalecer diferentes heranças cosmológicas e trajetórias de luta em torno de um problema comum. No nosso caso, esse problema é a destruição dos territórios onde essas comunidades nos evidenciam que é possível uma outra relação com aquilo que a onto-epistemologia moderna objetivou como “o planeta”. Ao invés de um museu que registra, interpreta, organiza, coleciona etc., esses museus se pretendem lugares de encontros onde problemas compartilhados possam ser evidenciados e abordados a partir de diferentes heranças cosmológicas. Uma vez que essas heranças não cabem na categoria de “passados”, como se propõe na ontopolítica do patrimônio, preferimos tratá-las

como “patrimônios cosmológicos”. Os Museus das Resistências são imaginados, então, não como espaços de “preservação” dessas heranças, mas como lugares de potencialização dos novos agenciamentos que elas podem produzir.

Referências Bibliográficas

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para pensar os museus. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 28, p. e1, 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Brasil, país do futuro pretérito**. São Paulo: N-1 Edições, 2019. (Pandemia).

CHAKRABARTY, Dipesh. Museums Between Globalisation and the Anthropocene. **Museum International**, v. 71, n. 1–2, p. 12–19, 2019.

CHANDLER, David; REID, Julian. Becoming Indigenous: the ‘speculative turn’ in anthropology and the (re)colonisation of indigeneity. **Postcolonial Studies**, v. 23, n. 4, p. 485–504, 2020.

CLARK, Nigel; SZERSZYNSKI, Bronislaw. **Planetary social thought: the anthropocene challenge to the social sciences**. Cambridge, UK ; Medford, MA: Polity Press, 2021.

CUNHA, Manuela Carneiro da; Cesarino, Pedro. **Políticas culturais e povos indígenas**. [s.l.: s.n.], 2016.

CURLEY, Andrew; LISTER, Majerle. Already existing dystopias: tribal sovereignty, extraction, and decolonizing the Anthropocene. *In*: MOISIO, Sami; KOCH, Natalie; JONAS, Andrew E. G.; *et al* (Orgs.). **Handbook on the changing geographies of the state: new spaces of geopolitics**. Cheltenham, UK ; Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, 2020, p. 251–262.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. 2ª ed. – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DAVIS, Heather; TODD, Zoe. On the Importance of a Date, or, Decolonizing the Anthropocene. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 16, n. 4, p. 761–780, 2017.

DESILVEY, Caitlin. **Curated Decay: Heritage Beyond Saving**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

EICHEN, Joshua R. Cheapness and (labor-)power: The role of early modern Brazilian sugar plantations in the racializing Capitalocene. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 38, n. 1, p. 35–52, 2020.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Arataca, BA: Teia dos Povos, 2021.

GERGAN, Mabel; SMITH, Sara; VASUDEVAN, Pavithra. Earth beyond repair: Race and apocalypse in collective imagination. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 38, n. 1, p. 91–110, 2020.

GOSH, Amitav. **The nutmeg's curse: parables for a planet in crisis**. [s.l.]: Penguin, 2021.

HARRISON, Rodney. Arqueologias de futuros e presentes emergentes. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Trad. Marian Petry Cabral. v. 12, n. 2, p. 83–104, 2019.

HARRISON, Rodney. Beyond “Natural” and “Cultural” Heritage: Toward an Ontological Politics of Heritage in the Age of Anthropocene. **Heritage & Society**, v. 8, n. 1, p. 24–42, 2015.

HARRISON, Rodney. **Heritage: critical approaches**. Milton Park, Abingdon ; New York: Routledge, 2013.

HARRISON, Rodney; DESILVEY, Caitlin; HOLTORF, Cornelius; *et al* (Orgs.). **Heritage futures: comparative approaches to natural and cultural heritage practices**. London: UCL Press, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

LEWIS, Simon L.; MASLIN, Mark A. Defining the Anthropocene. **Nature**, v. 519, n. 7542, p. 171–180, 2015.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo; BUENO, Camila Silva. Tambores da Resistência: o Maracatu de Baque Virado como Patrimônio Cosmológico. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 33, n. 1, p. 91–119, 2020.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. A proposição historiográfica da Ciência do Sistema Terra: uma revisão das críticas à “metanarrativa do Antropoceno”. **História da Historiografia: International Journal of Theory**

and History of Historiography, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–27, 2023a. DOI: 10.15848/hh.v16i41.1941. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1941>. Acesso em: 13 jul. 2023^A

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. A ciência no tempo das catástrofes: o caso da emergência da Ciência do Sistema Terra. **Revista História** (São Paulo), v. 42, e2023007, p. 1-25, 2023b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2023007>. Disponível em: <https://historiasp.franca.unesp.br/a-ciencia-no-tempo-das-catastrofes-o-caso-da-emergencia-da-ciencia-do-sistema-terra/>. Acesso em: 13 jul. 2023b

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo Lowande. Antropoceno, ciências humanas e historiografia. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, (no prelo). 2023c

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo; SILVA, N. N. da; SILVA, J. F. R. da; VIEIRA, N. J. A. P. T. Museus das Rexistências: potencializando histórias para adiar o fim do mundo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 268–286, 2022. DOI: 10.31418/2177-2770.2021.v14.n.41.p268-286. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1299>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MIRZOEFF, Nicholas. It's Not the Anthropocene, It's the White Supremacy Scene; or, The Geological Color Line. In: GRUSIN, Richard A. (Org.). **After extinction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018, p. 123–149. (Center for 21st century studies).

MOORE, Jason W. O surgimento da natureza barata. In: MOORE, Jason W. (Org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022, p. 128–187.

NASSER, Rafique. Povos tradicionais se encontram na VII Jornada de Agroecologia da Teia dos Povos no Quilombo Conceição de Salinas. **Teia dos Povos**. Disponível em: <https://teiadospovos.org/povos-e-comunidades-tradicionais-se-encontram-na-vii-jornada-de-agroecologia-da-teia-dos-povos-no-quilombo-conceicao-de-salinas/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PEREIRA, Nilton Mullet; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. BNCC e o passado prático: Temporalidades e produção de identidades no ensino de história. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 107, 2018.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologies**: a requiem to late liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

RMCA. Competition Brief. Disponível em: <https://www.museumsforclimateaction.org/rethink/background>. Acesso em 22 de março de 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI, UnB, 2015.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STOCKING, George W; (Org.). **Objects and others: essays on museums and material culture**. Madison, Wis.: University of Wisconsin Press, 1985.

TODD, Zoe. An Indigenous Feminist's Take On The Ontological Turn: 'Ontology' Is Just Another Word For Colonialism: An Indigenous Feminist's Take on the Ontological Turn. **Journal of Historical Sociology**, v. 29, n. 1, p. 4–22, 2016.

TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 186–205, 2018.

UGWUANYI, J. Kelechi. Human-Nature Offspringing: Indigenous Thoughts on Posthuman Heritage. *In*: HARRISON, Rodney; STERLING, Colin (Orgs.). **Deterritorializing the future: heritage in, of and after the Anthropocene**. First edition. London: Open Humanities Press, 2020, p. 266–288.

WHYTE, Kyle P. Indigenous science (fiction) for the Anthropocene: Ancestral dystopias and fantasies of climate change crises. **Environment and Planning E: Nature and Space**, v. 1, n. 1–2, p. 224–242, 2018.

YUSOFF, Kathryn. **A billion black Anthropocenes or none**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018. (Forerunners: ideas first from the University of Minnesota Press, 53).